

**Data:** 14.05.2015

**Título:** V ÍDEO GERA INDIGNAÇÃO E LEVA MP A INVESTIGAR AGRESSÕES A JOVEM

**Pub:**



**Tipo:** Jornal Nacional Diário

**Secção:** Destaque

**Pág:** 1;10;11



Área: 990cm² / 34%

Tiragem: 72.253

FOTO

Cores: 4 Cores

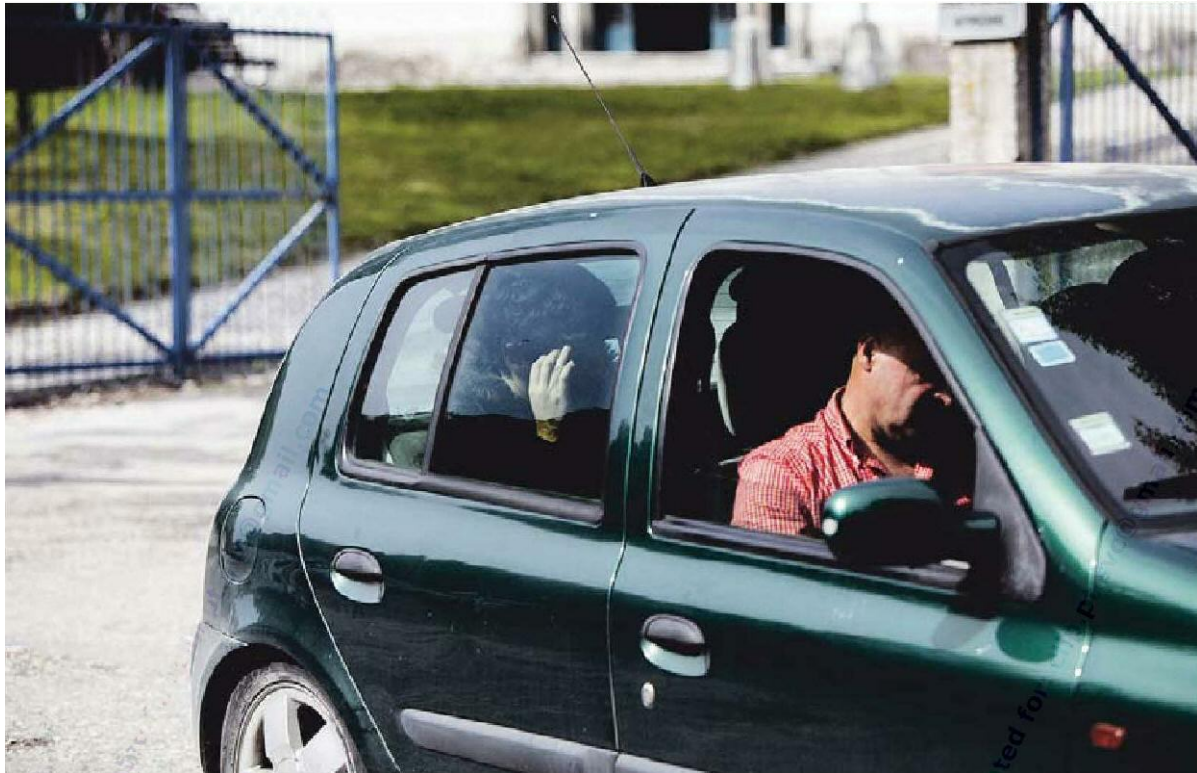
ID: 5093359



# Vídeo gera indignação na Internet e leva MP a investigar agressão a jovem

Jovem apresentou queixa à PSP, um ano depois das agressões. Polícia começou a investigar logo após ter descoberto as imagens no Facebook, que ontem à noite já ultrapassavam dois milhões de visualizações

**Justiça**  
**Romana Borja-Santos,**  
**Pedro Sales Dias**  
**e Camilo Soldado**



Área: 990cm² / 34%

Tiragem: 72.253

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 5093359

São 13 minutos de estaladas, murros e até alguns pontapés de um grupo de jovens a um rapaz então com 16 anos. A situação passa-se na Figueira da Foz e terá acontecido em Junho de 2014, durante as férias escolares de Verão, mas a explosão de indignação só aconteceu agora, depois de um vídeo que registou o episódio ter sido partilhado anteontem à noite no Facebook.

No vídeo, aparecem duas adolescentes a agredir um rapaz. Há várias pausas, nomeadamente quando se ouvem carros a passar ou quando

surje o aviso de que alguém se aproxima. Nas imagens, surgem ainda pelo menos mais duas raparigas e dois rapazes. O rapaz que é agredido permanece quieto, encostado a uma parede, sem reagir e com as mãos atrás das costas.

Um ano depois a vítima decidiu apresentar queixa. Fê-lo ontem, finalmente convencido por algumas pessoas e colegas indignados com o vídeo, adiantou fonte da PSP. De manhã, acompanhado pelos pais, deslocou-se à esquadra da Figueira da Foz. A PSP já estava a investigar,

por iniciativa de agentes que viram as imagens anteontem. Nas poucas horas que se seguiram à divulgação do vídeo, a PSP identificou todos os suspeitos. Entre os intervenientes estão cinco raparigas e três rapazes entre os 15 e os 19 anos. Também a segurança policial nas escolas da Figueira da Foz foi reforçada, como medida preventiva.

Em reacção ao sucedido, o Ministério Público (MP) decidiu investigar o caso em dois inquéritos diferentes. Relativamente aos menores de 16 anos, foi instaurado um “inquérito

tutelar educativo no MP da Figueira da Foz”, confirmou a Procuradoria-Geral da República (PGR). Por outro lado, “foi também apresentada no DIAP de Coimbra uma participação, relativamente aos maiores de 16 anos, pelas agressões e pela divulgação das imagens”, segundo a PGR.

Quanto aos agressores maiores de 16 anos estarão em causa crimes de sequestro e ofensa à integridade física, segundo fonte policial. O crime

**Jovem apresentou queixa ontem e foi ouvido na esquadra da PSP da Figueira da Foz. O vídeo que regista as agressões foi gravado há um ano na zona do Bairro Novo**

de sequestro é de natureza pública. Não depende, por isso, de queixa, como aconteceria se o crime fosse semipúblico. Nesse caso, o direito de apresentar queixa já teria caducado, uma vez que os factos ocorreram há mais de seis meses. Também por serem vários os autores das agressões, poderá estar em causa o crime de ofensa à integridade física qualificada, que prevê uma moldura penal até aos quatro anos de prisão.

Os restantes jovens, menores de 16 anos, verão os seus processos correr no Tribunal de Família e Menores de Coimbra. Na noite da divulgação do vídeo, dois progenitores de duas das envolvidas decidiram ir à esquadra da PSP para dar conta do sucedido. Jorge Ferreira, pai de uma das agressoras, em declarações à SIC pediu desculpa pelo comportamento da filha e disse que estava longe de imaginar o caso “inconcebível e impensável”. Contactado pelo PÚBLICO, Jorge Ferreira escusou-se a prestar mais declarações, justificando que não quer “inflamar” mais o caso.

Até agora, a polícia não encontra motivos para aquilo que os agentes consideram ter sido um castigo organizado pelos restantes jovens. Os adolescentes foram ouvidos na tarde de ontem na PSP da Figueira da Foz, onde foi também inquirido o jovem agredido. Saiu daquela esquadra pelas 16h50 num carro acompanhado por dois polícias.



ADRIANO MIRANDA

O vídeo que regista a violência terá sido gravado junto à Rua Dr. Calado, no Bairro Novo, Figueira da Foz. Ao PÚBLICO o proprietário do Bar Marujo, localizado naquela rua há 25 anos, disse conhecer os jovens envolvidos no caso, com quem, contudo, nunca teve problemas.

**“Dá-lhe mais”**

As imagens não têm muitos diálogos, ouvindo-se apenas frases soltas como uma das agressoras a dizer ao jovem “isto é força, isto é força. Queres ver com mais força?” e uma outra a sugerir “dá-lhe mais”, enquanto a primeira adianta que vai mudar de lado “porque já está a doer a mão”. Depois chama uma colega para trocar de lugar e contam as estaladas, mas a contagem é quase sempre “um, um” e só quando há mais força se passa a “dois” ou “um, dois, três”. Só mais à frente é apontada uma possível razão para a agressão. “É que a mim não me apetece andar à chapada. Apetece-me andar à porrada, sabes porquê? Porque tu meteste-me nojo”, diz uma das agressoras. Neste momento, o jovem diz que não fez nada e ouve-se a voz de outro rapaz a dizer “metes-te com ela, metes-te comigo, basicamente”.

A publicação do vídeo gerou, até ao fecho desta edição, mais de 70 mil partilhas no Facebook e mais de dois milhões de visualizações. Na maior parte dos casos, os comentários na rede social são de indignação, con-

denação da violência e apoio ao jovem, com pedidos para intervenção das autoridades. Algumas pessoas dizem que terão dado conhecimento da situação à PSP e à Comissão de Protecção de Crianças e Jovens (CPCJ) da Figueira da Foz. Fonte judicial confirmou, aliás, que já na noite de anteontem a PSP recebeu inúmeras informações e mesmo queixas de cidadãos indignados.

**Protecção de menores**

A presidente da CPCJ da Figueira da Foz, Sandra Lopes, confirmou à Lusa que vai averiguar os acontecimentos. “A CPCJ não tinha conhecimento desta situação e só a conheceu depois de divulgado o vídeo. Vamos averiguar o que aconteceu. Recebemos depois da divulgação do vídeo várias participações, mas fariamos uma averiguação mesmo que isso não tivesse acontecido”, sublinhou.

Apesar de a agressão ter ocorrido fora das escolas da cidade, o director da Escola Dr. Joaquim de Carvalho confirmou que o jovem agredido é aluno naquela instituição, mas assegurou que os restantes não são. Disse-se ainda “chocado” e adiantou que a situação estaria relacionada com “questões de namoro”. O docente acrescentou que desde o Verão que o comportamento e rendimento escolar do aluno têm sido normais, pelo que ficou “surpreendido” e “preocupado com os efeitos ainda mais nocivos que a



exposição pode trazer”. O director garantiu também que “sempre foi e continuará a ser política da escola

desenvolver programas de prevenção destas situações, nomeadamen-

te na disciplina de Educação para a Cidadania”.

## A passividade “é uma característica” das vítimas

**Clara Viana**

O psicólogo Daniel Cotrim, da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), considera que a “estranheza” que tem sido demonstrada face à passividade com que o rapaz da Figueira da Foz reage à agressão por colegas decorre de um “estereótipo, que importa desmontar”.

“Quando se é vítima de violência entre pares, a passividade é uma característica dos dois géneros”, comenta.

Cotrim também não estranha que a vítima só agora tenha apresentado queixa, quase um ano depois da agressão. “Muitas vezes, as pessoas que são alvo de actos de vitimização não sabem que estão a ser vítimas. Essa consciência só poderá ter despertada a partir do momento em que o vídeo foi colocado nas redes sociais, gerando uma censura social que levou o jovem a sentir-se reforçado para avançar com a participação criminal.”

Esta reacção de censura é uma das “vantagens” apontadas por Cotrim à divulgação pública destes fenómenos. “Alerta-nos para este tipo de situações e permite que a sociedade se tenha tornado mais intolerante em relação a elas”, frisa. Este é um dos lados da moeda. Mas há outro.

Estará o jovem do vídeo a ser vítima de *bullying*? Cotrim lembra que este tipo de violência entre pares implica uma “acção de vitimização continuada” que não se sabe ainda

se existiu, mas não tem dúvidas de que a partir do momento em que a agressão foi filmada e colocada nas redes sociais, com o intuito de humilhar a vítima, se está perante um caso de *cyberbullying*, um fenómeno que está em ascensão. “É importante que a resposta da justiça seja exemplar, porque tal contribuirá para que estas situações não se repitam. Não estou a defender prisões preventivas, mas sim que no final se possa dizer que se fez justiça porque a vítima viu reparados os danos que sofreu”, acrescenta.

Já o sociólogo João Sebastião considera que este caso pode ser mais um de violência no namoro, que engloba também agressões e insultos contra ex-namorado ou aos seus parceiros actuais. “Num estudo que realizei sobre a violência no namoro entre adolescente de 15 anos no concelho de Cascais deparei com muitos casos destes”, refere o também coordenador do Observatório de Segurança Escolar.

Esta violência, que deriva da “imaturidade emocional da dificuldade em resolver conflitos”, é praticada tanto por rapazes como por raparigas, mas é “mais frequente serem elas a praticá-la, talvez porque tenham mais dificuldades em lidar com a situação” de rejeição, adianta.

No estudo que realizou em Cascais foram abrangidos mais de 50 alunos e uma das conclusões a que se chegou foi que são as raparigas quem

mais exerce violência emocional ou de exclusão social. Em 2014, segundo dados do último Relatório Anual de Segurança Interna, houve 1549 queixas por violência no namoro em 2014



xas por violência no namoro. No ano anterior tinham sido 1050. Segundo João Sebastião, muitas escolas estão já preparadas para intervir neste domínio.

Em Maio de 2011, outro vídeo colocado no Facebook testemunhando a agressão de uma jovem de 13 anos por outras duas raparigas, de 15 e 16 anos, também gerou uma onda de choque. Foram constituídos seis arguidos, entre eles o jovem que filmou e colocou o vídeo no Facebook e que, em conjunto com a agressora de 16 anos, chegou a ser colocado em prisão preventiva por alguns dias. O processo foi julgado em 2012, tendo os jovens sido condenados a penas suspensas sob condição de voltarem à escola ou frequentarem cursos de formação. A pena maior, de dois anos e nove meses de prisão, foi para a principal autora das agressões, condenada por ofensas à integridade física qualificada e por dois crimes de roubo (um na forma consumada e outro na forma tentada).